

ESPELHO

Porque não teve um só dia que não te desejei. Porque não teve uma só vez que não me aproximei do teu corpo e te quis em mim. E não falo somente de sexo, mas de um momento de amor, como os que sempre vivi contigo. Lembro-me de cada encontro e de cada risada. Ontem mesmo lembrava da tua mão me procurando e dos nossos olhos misturados no espelho do banheiro. Aquela moldura plástica, de um amarelinho fraco e silencioso. Nos olhávamos fundo enquanto escovávamos os dentes ou penteávamos o cabelo. Eu abria a portinha para pegar algo dentro do velho armário embutido na parede e sumíamos. Tu me mandavas fechar rápido, querendo não perder a imagem: - olha,olha, voltamos a aparecer!, gritavas, eufórico. Também tinha vezes que apenas parávamos em frente dele, sem motivo, e ficávamos a nos admirar. Parecíamos felizes. Eu gravei cada parte do teu rosto, cada marca de expressão, o formato das sobrancelhas, a cor dos teus lábios. Gravei na minha mente e venho conservando essas imagens dia após dia: e lembro-me de tudo muito bem! Hoje o tempo me ajuda a entender que era o jeito que tínhamos de congelar a imagem. Prendê-la no espelho era a forma de garantir nossa existência. A memória atualmente me falha, tenho lapsos incríveis de acontecimentos recentes e alguma dificuldade em lembrar certas coisas, mas tudo o que vi contigo lembro perfeitamente. Ainda sinto no meu rosto o som do teu carinho. Mas agora, da sacada da minha casa solitária, do meu ventre seco, da minha sala de jantar sem pratos (porque não tem mais ninguém aqui) é teu rosto que vejo ao longe. É meu aniversário e estou ainda à mesa. Comprei uma vela com o número oitenta: nem eu acredito que é esta idade que faço. Não cantei parabéns porque imaginei que o som solitário da minha voz única poderia ser deprimente demais. Apenas disse “amor”, com minha boca seca antes do brinde... E aí bati com cuidado a taça na garrafa de vinho pela metade. Os desenhos esculpidos no vidro refletiram a luz indireta do pendente sobre a mesa e me fizeram lembrar de quando abrimos a caixa de taças embrulhada de papel e fita. Nosso sorriso com cara de presente, com seus laçarotes dourados e cheiro de novo. E só restou isto: uma única taça e eu. As outras taças todas foram quebrando com o tempo. Mês passado quebrou a penúltima delas e eu chorei tanto... guardava as duas lado a lado na cristaleira da sala, éramos eu e tu, protegidos. Minha visita fez questão de usá-la e confesso não tive coragem de dizer que não. Já andava cansada de explicar minha história, o motivo da minha solidão há tantos anos. Quem não viveu um amor assim jamais poderá entender o valor de uma taça

delicada como essa, das razões de guardá-la com tanto afinco. Acho que quando me pus ao chão, ajoelhada, chorando e recolhendo os cacos, Dora, minha companheira de leituras, teve ideia do que trago dentro do peito. Ela se abaixou ao meu lado e simplesmente me acompanhou com seu olhar complacente. Escolheu um conto de amor de uma escritora portuguesa e leu; mas eu não li nada, apenas escutei sua voz com os olhos presos à prateleira que agora abrigava apenas uma das taças: mais uma vez te tiraram de mim... e eu implorei que fosse a última! Hoje à tarde, antes da minha festa ímpar, abri o velho baú e encontrei meu vestido rasgado pelos teus modos brutos e amáveis. Cada botão, bem guardado dentro de uma caixinha, relata um momento ardente: de amor raro e intenso. Não me importava que rasgasse minha roupa quando o amor ficava urgente. Acho que sabia bem que no futuro elas não fariam falta. Hoje uso sempre as mesmas roupas, dois ou três cabides me bastam para viver bem. Aquele vestido, mesmo que inteiro, não me serviria mais. Assim como não servem tantas outras coisas. O passar do tempo é cruel por transformar a utilidade em desuso. Transforma o corpo em um capital desvalorizado, transforma a vida da gente numa pacificidade indesejada. Hoje quero chegar longe, mas já não consigo mais andar direito: só chego onde os olhos podem me levar. Então fico sentada na minha velha poltrona vermelha – que a tua juventude inquieta me obrigou a estofar e forrar – e fecho os olhos para nos ver juntos, andando pelas ruas daquela cidadezinha que iniciamos nossas vidas. Enxergo bem o nome dela, escrito na placa de madeira gasta, quando cruzamos a fronteira a bordo do teu carro branco: Bem-vindos a Marquês. E lá entramos nós, com tanta esperança de que naquele lugar caberia bem nossa felicidade. Embora não tivéssemos nem uma cozinha decente, sempre demos um jeito para jantar nosso prato preferido. É que quando se tem um amor, um pedaço de pão vira banquete. E a comida pouco me importava mesmo, porque tu sempre foste meu maior alimento. Alimentava-me das tuas palavras, das tuas ideias libertárias e libertinas, comia do teu riso e me deliciava de teus comentários leves... Hoje essa mesa está farta, mas não tenho fome, nem o garfo ainda toquei. Sou livre e não tenho vontade de me mexer daqui. Minhas asas foram quebradas no dia que depusitei a flor na terra sem poder te dar um último beijo. Queria tanto ter visto, mesmo que teus olhos já estivessem fechados para sempre, mesmo que não me olhasses... Naquele dia entendi o que querias dizer com teu “antes que seja tarde”. Meu lamento foi silencioso e cadenciado, e nem perceberia se arrancassem as unhas das minhas mãos e dos meus pés. Arrancaram, acho, pois quando voltei pra casa desmaiei de dor.

Talvez no fim dessa noite me arraste até o banheiro para poder olhar para nosso espelho e me enxergar em ti mais uma vez. Talvez chore de novo por não ter ido contigo quando partiste. E talvez seques minhas lágrimas com tuas mãos longas e quentes. Talvez me digas para ficar quietinha e nos admirar, apenas... já que o tempo não volta atrás, já que não estás mais ali, já que agora é tarde e eu preciso descansar. E teus olhos no espelho me olharão tão amáveis e disponíveis e me conduzirão até minha cama vazia e colocarão as velhas meias nos meus pés gelados. Teus olhos no espelho, que refletem o melhor de mim e que sempre me acompanharam: tu, espelho de mim.